



REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA E ACERVOS

ARTIGO

“AFRO-MEMÓRIA” (EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA): PESQUISA DOCUMENTAL E ESTUDO CRÍTICO-FILOLÓGICO

“AFRO-MEMORY” (EDUCATION AND RESISTANCE): DOCUMENTARY RESEARCH AND CRITICAL-PHILOLOGICAL STUDY

EVELYN LETÍCIA DE PINHO SANTOS

Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/CNPq). E-mail: evelynsantos@ufba.br

BIANCA ARIANE DA SILVA SANTANA

Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: biancaass@ufba.br

DÉBORA DE SOUZA

Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/PPGLitCult). Professora da UFBA. E-mail: deboras_23@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo apresenta um estudo crítico-filológico do programa televisivo *Afro-Memória*, produzido e exibido pela TV Educativa da Bahia (década de 1980), sob a direção e autoria de Nivalda Costa. A partir de pesquisa documental em periódicos baianos e do Acervo Nivalda Costa, inserido no Arquivo Textos Teatrais Censurados (UFBA), a investigação articula Filologia, Arquivologia, Sociologia dos Textos e História Cultural para analisar os testemunhos do programa. O estudo evidencia a relevância do *Afro-Memória* como espaço de resistência negra, destacando seu papel educativo, político e sociocultural na valorização da memória afro-brasileira. Por meio da crítica textual e da interdisciplinaridade, a pesquisa contribui para a preservação, circulação e atualização da memória de práticas artísticas e educativas comprometidas com o combate ao racismo e a democratização da cultura.

Palavras-chave: Nivalda Costa; Afro-Memória; filologia; resistência negra; televisão educativa.

ABSTRACT

This article presents a critical-philological study of the television program *Afro-Memória*, produced and broadcast by TV Educativa da Bahia during the 1980s, under the authorship and direction of Nivalda Costa. Based on documentary research in Bahia newspapers and on the Nivalda Costa Collection, part of the *Arquivo Textos Teatrais Censurados* (UFBA), the investigation combines Philology, Archival Studies, Sociology of Texts, and Cultural History to analyze the program's records. The study highlights the significance of

Afro-Memória as a space of Black resistance, emphasizing its educational, political, and sociocultural role in valuing Afro-Brazilian memory. Through textual criticism and interdisciplinary approaches, the research contributes to the preservation, dissemination, and updating of the memory of artistic and educational practices committed to combating racism and democratizing culture.

Keywords: Nivalda Costa; Afro-Memória; philology; Black resistance; educational television.



Open access journal: <http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus>
ISSN 0101-8841

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em uma perspectiva crítico-filológica, a partir de procedimentos da Crítica Textual, em diálogo com outros saberes, propomos, neste artigo, tecer uma leitura sobre o programa “Afro-Memória”, produzido e exibido pela TV Educativa da Bahia (TVE – BA), na década de 1980, do qual a artista, intelectual e pesquisadora Nivalda Silva Costa/Nivalda Costa (1952 – 2016) participou como autora, diretora e roteirista junto a outros profissionais. Para tanto, tomamos como fonte de consulta textos da imprensa baiana, do jornal “A Tarde”, “Correio da Bahia”, “Jornal da Bahia” e “Tribuna da Bahia”, datados de 1988, consultados durante pesquisa documental no setor de periódicos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB), parte das atividades previstas em planos de trabalho de iniciação científica acerca do programa “Afro-Memória”, no âmbito do Programa institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PiBiC – UFBA).

A leitura dessas fontes documentais, em relação com outros documentos do Acervo Nivalda Costa (ANC), parte do Arquivo Teatrais Censurados (ATTC), vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), permite dar a conhecer o programa e a artista de Nivalda Costa, bem como refletir acerca de práticas socioculturais e educativas de resistências negras na Bahia. Nivalda Costa, intelectual, escritora, dramaturga e educadora, participou de diferentes projetos artísticos, atividades culturais e movimentos sociopolíticos na Bahia (Souza, 2012), dentre eles, do “Afro-Memória. A TVE – BA, comprometida com a divulgação e circulação de temáticas de cunho educacional, social e cultural, em âmbito local, sobretudo naquele período, contribuiu para a formação de diferentes sujeitos e disseminação da cultura do estado.

FILOLOGIA E OUTROS SABERES: UM DIÁLOGO

A Filologia, enquanto Crítica textual, pode ser definida como “[...] um feixe de práticas de leitura, interpretação e edição que, a um só tempo, consideram como objeto, de modo indissociável, língua, texto e cultura” (Borges; Souza, A., 2012, p. 21), a partir da qual podemos desenvolver diferentes estudos literários, linguísticos, arquivísticos e históricos. O filólogo é responsável pela investigação, leitura e análise de textos, em perspectiva material, linguística, literária, sócio-histórica e cultural, conforme especificidade do texto e propósito do pesquisador. Em uma abordagem contextualizada, levando em consideração a pluralidade das obras e dos sujeitos envolvidos, o filólogo coloca “[...] em evidência a multiplicidade de textos (estados, versões, etc.) e suas especificidades, a partir da história da tradição e transmissão [...]” (Borges; Souza, A., 2012, p. 24-25).

Na Filologia, os pesquisadores buscam compreender e preservar textos, por meio de atividades metodológicas específicas, oferecendo reprodução documental e/ou texto crítico, bem como leitura crítico-filológica a público diverso.

Nesse sentido, reconhece-se a importância dos textos como documentos e testemunhos, por meio dos quais se pode estudar “[...] a memória do que representam, de quem os preparou, quando e onde foram produzidos, por onde circularam, como foram lidos e passados adiante” (Borges, 2021, p. 20-21).

Assim, “[...] a filologia/crítica textual ocupa-se da preservação [...] e edição de textos, para, [...] [atualizar] a memória daqueles que os produziram, além de representá-los” (Borges, 2015, p. 55). Para tanto, o labor filológico dá-se em uma perspectiva interativa, no diálogo com outras áreas e saberes, por exemplo, com a arquivologia, a sociologia dos textos e a história cultural, por meio de “[...] uma leitura do material em sua relação com outros [documentos], analisado em sua singularidade e diversidade, enquanto parte de uma teia [...]” (Borges; Souza, D., 2020, p. 209).

A arquivologia, em uma abordagem tradicional, é compreendida como “[d]isciplina que estuda as funções do arquivo [...] e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos [...]” (Arquivo..., 2005, p. 37). Contudo, neste trabalho, toma-se arquivologia em uma perspectiva sociológica, adotando “[...] arquivo [...] como agente na construção de ‘fatos’ e ‘verdades’, como lócus de produção [...], como dispositivo do exercício de poder” (Heymann, 2012, p. 23).

Investindo em uma sociologia dos textos, conforme Don McKenzie (2005), pensa-se o texto em sentido amplo, considerando, sobretudo, os aspectos materiais, os processos de transmissão, os contextos de circulação e recepção e os sujeitos agentes envolvidos. Entende-se que “[...] historicamente mediado, o texto assume formas e significados diferentes na sua circulação histórica, pelas relações que estabelece com as instituições de recepção e transmissão e com o público” (Lourenço, 2009, p. 228),

Por conseguinte, em consonância com a história cultural, compreende-se o texto como documento e testemunho, o qual pode vir a tornar-se monumento, conforme leitura crítica do pesquisador (Le Goff, 1990). Leva-se em conta, a partir da análise dos documentos, as práticas, a(re)presentações, relações de poder e construções de novas realidades, ou seja, “[...] o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002, p. 16-17).

Nesse lugar interdisciplinar, a Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC) tem atuado na organização do ATTC, um arquivo digital vinculado ao Instituto de Letras da UFBA, no qual se reúnem acervos de diversos dramaturgos e dramaturgas, sobretudo, baianos. Dentre esses, destacamos o Acervo Nivalda Costa (ANC), o qual atualmente possui mais de 300 documentos, a saber, textos teatrais, recortes de jornais, rascunhos, documentos da Censura e outros (Souza, 2019). Segundo Bordini (2012, p. 119), “[a]cervos são mementos, vestígios de um processo criativo, de condições de produção e recepção, de peculiaridades de vidas humanas tornadas texto, ameaçados pelo fluir da História [...]”.

Visando suplementar a massa documental pertencente ao ANC bem como construir um conhecimento acerca do “Afro-Memória”, programa produzido e exibido pela TV Educativa da Bahia¹ (TVE – BA), na década de 1980, temos consultado e digitalizado textos da imprensa baiana no setor de periódicos da BPEB. desenvolvemos, até este momento, as seguintes etapas: a) digitalização e identificação do material, registrando data de publicação (dia, mês e ano), página e arquivo de proveniência, com uso de *iPhone XR* e *Xiaomi Redmi* e recursos “Escanear documentos” e “Bloco de notas” do próprio aparelho; b) sistematização e conservação da documentação em uma pasta de arquivo do *Google Drive*; c) elaboração de ficha-catálogo do material para posterior inserção no ANC.

A leitura crítica desse material fornece subsídio para tecer reflexões acerca da atuação de Nivalda Costa na sociedade baiana da época e, por conseguinte, colocar em discussão práticas socioculturais e educativas de resistências negras na Bahia.

“Afro-Memória”: a educação como uma ferramenta de resistência

O programa televisivo “Afro-Memória”, produzido e apresentado pela emissora TVE – BA, muito provavelmente, estreou no segundo semestre de 1987, ficou fora do ar durante um breve período, reestreou em janeiro de 1988 e foi extinto no final do segundo semestre de 1989, conforme documentos da imprensa baiana consultados até o momento de feitura deste trabalho. De acordo com diferentes programas/grades de programação consultado(a)s nos jornais, inicialmente, o “Afro-Memória” era exibido, mensalmente, às 21h05min, em âmbito local, na faixa intitulada “Sexta independente”, em rodízio com outros programas. Posteriormente, houve variação de horário, sendo exibido às 21h20min, 21h30min. Além disso, o “Afro-Memória” passou a ser exibido semanalmente, para todo o território brasileiro, devido à repercussão e aceitação do público (A memória..., ago. 1988).

A proposta do programa era dar enfoque à história e à memória da comunidade negra a partir de aspectos socioculturais, além de “[...] dar dignidade à história da raça, contribuindo para fortalecer a crença numa igualdade social, formando consciência para que no futuro negros e brancos possam se olhar de frente sem mágoas e preconceitos [...]” (A estreia..., [jul. 1988]). Assim, essa produção televisiva, idealizada, roteirizada e dirigida pela socióloga Nivalda Costa (Burgos, 15 jan. 1988, p. 13), objetivava fomentar e valorizar a preservação da cultura e da música afro-brasileira.

Segundo Nivalda Costa, o programa “[...] [era] dirigido para todas as pessoas, sem qualquer tipo de distinção, [...] a partir de um enfoque histórico e sociológico, [...] [buscando] informar a brancos e negros sem qualquer forma de preconceito” (A estreia..., [jul. 1988]). Naquela época,

“[o] programa tratava, pioneiramente, como afirmaram os críticos, de aspectos ligados à cultura negra, e, portanto, era o único, da televisão brasileira, dedicado a discutir os problemas da comunidade negra” (Souza, D., 2012, p. [37]).

A produção local era composta por Sérgio Brandão, Eliana Ornelas e Daniel de Mattos, e apresentada por Livia Calmon e Valber Ribeiro (A estreia..., [jul. 1988]). Com duração de uma hora, o “Afro-Memória” possuía quatro quadros fixos que, de alguma maneira, permitem pensar na mobilização de Nivalda Costa enquanto “intelectual múltiplo”. Segundo Hoisel (2012, p. 161), “[...] a expressão intelectual múltiplo define a diversidade de lugares de produção de discursos (ou de escritas), onde estes sujeitos se inscrevem e se produzem [...]”.

Discutiam-se, em diferentes perspectivas e linguagens, aspectos ligados à comunidade negra, por meio dos quatro quadros, a saber: “Pausa Histórica”, em que se abordava a importância do negro na formação da sociedade brasileira por meio da encenação dos bonecos “Oio” e “Aiá” no teatro de marionetes; “Batuque”, enfatizava-se a contribuição musical do negro em diversos gêneros musicais, contando com a participação de artistas locais como Batatinha, Walter Lamar e Margareth Menezes; “Correio Nagô”, promoviam-se debates sobre os problemas enfrentados pela comunidade negra no dia a dia; e, o último quadro, “Um Olho no Hoje”, no qual se questionava e debatia sobre o processo de marginalização do negro (A memória..., [1988]).

Os quadros, os convidados e os debates giravam em torno do tema central de cada programa, por exemplo, no dia 20 de maio de 1988, no qual a temática central era “o negro da literatura brasileira”, participaram como convidados a escritora Aline França, o professor de português Jônatas Conceição e o escritor e tropicalista Gramiro de Matos (O negro..., 20 maio 1988, p. 6). Todas essas figuras, proeminentes no cenário literário e cultural da Bahia, à época, foram reunidos para discutir a representação e a participação dos negros na literatura. Essas e outras figuras, convidado(a)s, participantes do programa, podem ser pensadas como parte da rede de sociabilidade de Nivalda Costa, os quais ajudam a refletir sobre os pressupostos estéticos e ideológicos da artista e da intelectual engajada, o que merece maiores estudos em outro momento.

O termo “sociabilidade” engloba duas acepções: “[...] ‘redes’ que estruturam [...]” (Sirinelle, 1996, p. 253), remete para o meio, as agendas de discussão e os movimentos sociopolíticos; e “[...] ‘microclima’ que caracteriza um microcosmo intelectual particular [...]” (Sirinelle, 1996, p. 253) aponta para a atuação e o posicionamento de um sujeito, em determinado contexto. As redes de sociabilidade são estruturas que variam conforme épocas e grupos intelectuais e podem ser usadas para pensar sobre a trajetória, o papel e o poder de um intelectual em meio a ideologias e mentalidades coletivas (Sirinelli, 1996).

¹Na referida emissora de televisão não há documentos acerca do programa em estudo.

Essa atração televisiva fez parte da programação da TVE – BA, emissora comprometida com a divulgação e a circulação de temáticas de cunho educacional, social e cultural local. Pode-se compreendê-la, nesse caso, como “espaço de sociabilidade”, expressão que, segundo Sirinelle (1996, p. 249), se refere a “[...] um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro [...]”. Esse veículo televisivo foi um importante fomentador de debates sobre a negritude negra, sobretudo naquele período, contribuindo para a formação de diferentes telespectadores.

A proposta da emissora era possibilitar “[...] a abertura de novos espaços e [...] atender às necessidades de difusão de cultura, educação e da vida [do povo baiano] [...]” (TV Educativa..., 9 nov. 1985, p. 24). Tais pressupostos vão ao encontro da proposta sociopolítica desempenhada por Nivalda Costa, ao longo de sua vida e de seus projetos artísticos, por meio da qual ela buscou produzir arte, cultura e conhecimento, importante ferramenta de transformação social (Silva; Souza, D., 2022).

Segundo Gomes (2009, p. 421-422),

[o] papel dos intelectuais negros tem sido indagar a produção do conhecimento acadêmico e o lugar ocupado pelo ‘outro’, pelo diferente e pelas diferenças. Ao realizar essa indagação eles se colocam como sujeitos coletivos e políticos que questionam a relação entre a universidade, a ciência, a produção, o reconhecimento e a distribuição desigual do conhecimento na sociedade. Uma desigualdade que extrapola as fronteiras regionais e que possui aspectos étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual e de idade. Trazem também a reflexão de que uma sociedade e uma universidade que se pretendem democráticas são reconhecidas não somente pela sua contribuição teórica para o campo da produção do conhecimento e para o avanço tecnológico que conseguem provocar na sociedade. Esse reconhecimento passa, necessariamente, pela sua capacidade de se colocar diante dos problemas e demandas sociais do seu tempo e gerar conhecimento e ações que impulsionem a sociedade e a própria ciência a se democratizarem cada vez mais e se redefinirem por dentro e por fora. Uma democracia que não se perca na construção de uma cidadania abstrata, mas, sim, na efetivação da igualdade de direitos e, dentre estes, o direito à diferença.

Tais intelectuais/pesquisadores/artistas negros e negras reconhecem a educação como importante ferramenta e lutam a favor do reconhecimento dos saberes (sempre parciais, incompletos e contextuais) dos povos e das nações antes relegados, contribuindo com a “[...] descolonização do saber, articulando, de forma consistente, diferentes perspectivas críticas à epistemologia moderna, elaboradas a partir de diferentes lugares e disciplinas” (Meneses; Souza, B., 2019, p. 18). Ao longo do tempo, principalmente no âmbito do movimento negro brasileiro (antes denominado Movimento Negro Unificado (MNU)), junto à pauta da educação (Gomes,

2012), tem-se repensado e reformulado as noções de raça e cultura, considerando cultura como espaço de tensão, luta e disputa.

Em uma perspectiva antropológica, “cultura” é “[...] invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres culturais e sujeitos culturais” (Chauí, 1995, p. 81). Por sua vez, a noção de raça também tem sido repensada. “Como discurso e prática social, a raça é ressignificada pelos sujeitos nas suas experiências sociais [...], entendendo-a como potência de emancipação e não como uma regulação conservadora [...]” (Gomes, 2012, p. 731). Ao problematizar a noção de raça, “[...] o movimento negro indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país [...]” (Gomes, 2012, p. 731).

O Movimento Negro Unificado, fundado em 1978, “[...] é uma frente democrática de resistência à discriminação racial [...]” (Conheça..., jul. 1981, p. 6), que tem como antecedentes a Frente Negra Brasileira, fundada em início dos anos 1930, em São Paulo, e extinta em 1937, e o Teatro Experimental do Negro, criado em 1944, no Rio de Janeiro. “É um movimento de caráter nacional, com sede em São Paulo e seção nos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Brasília, estando em fase de formação em outros estados” (Conheça..., jul. 1981, p. 6).

O MNU, naquele período, tinha os seguintes objetivos:

- Combater o racismo onde se faça presente;
- Lutar constantemente contra discriminação racial e toda forma de opressão existente na sociedade brasileira;
- Mobilizar e organizar a comunidade negra na luta pela emancipação política, econômica, social e cultural;
- Integrar-se à luta dos setores oprimidos que visam a construção de uma sociedade justa, humana e fraterna, onde não haja explorados nem exploradores (Conheça..., jul. 1981, p. 6).

Na Bahia, o movimento estava organizado nas seguintes comissões:

- CULTURA – promove atividades culturais como: show, feiras de arte, mostra de filmes, concursos, etc.
- EDUCAÇÃO – promove cursos de alfabetização de adultos, organiza debates, redige documentos etc.
- CONTATOS – mantém contatos com grupos negros, entidades, outros movimentos e pessoas interessadas, visando sua maior aproximação com o trabalho do MNU.
- DOCUMENTAÇÃO, IMPRENSA E DIVULGAÇÃO – distribui documentos entre a população e órgãos de imprensa, elabora o Boletim informativo e o Jornal Mural do MNU, etc[.]
- FINANÇAS – Levanta fundos para o MNU através da promoção de festas, sorteios, venda de camisetas, recolhe contribuições etc. (Conheça..., jul. 1981, p. 7).

Membro do Movimento Negro Unificado – Bahia, Nivalda Costa, ao longo de sua vida, promoveu e/ou desenvolveu atividades socioculturais que podem ser lidas como “letramentos de reexistência” (Souza, A., 2009, p. 33), nos quais há “[...] uma reinvenção de práticas [...], reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não”. Adotando a educação como principal caminho para (re) construção da história e da cultura do povo afro-brasileiro, a artista coordenou e desenvolveu o projeto de pesquisa “Afro Memória: 100 Anos de Abolição”, de 1988 a 1992, financiado pelo Ministério da Cultura (Costa, 2014).

Nesse projeto buscava-se “[...] o resgate, a identificação e a catalogação das manifestações culturais de origem negro-africana no Estado da Bahia [...]” (Costa, 2014, p. [5]) para a produção de “[...] material audiovisual capaz de subsidiar o ensino de disciplinas que tratavam de assuntos concernentes ao estudo das etnias negras no Brasil” (Costa, 2014, p. [5]). Provavelmente essa pesquisa subsidiou a criação e o desenvolvimento do supracitado programa televisivo “Afro-Memória” (Souza, D., 2019).

Segundo Gomes (2011, p. 137),

[o]s estudos de Pinto (1994), Gomes (1999; 2008; 2010), Gonçalves e Gonçalves e Silva (2000), Silvério (2002), Passos (2004) revelam que o movimento negro, no Brasil, conquanto sujeito político, tem sido o principal responsável pelo reconhecimento do direito à educação para a população negra, pelos questionamentos ao currículo escolar no que se refere ao material didático que apresenta imagens estereotipadas sobre o negro, pela inclusão da temática racial na formação de professores(as), pela atual inclusão da história da África e da cultura

afro-brasileira nos currículos escolares e pelas políticas de ação afirmativa nas suas mais diferentes modalidades.

Um exemplo desse compromisso com a educação por parte do MNU e/ou por entidades negras diz respeito ao primeiro Grupo de Educação do MNU – Bahia, criado em 1981 por Ana Célia da Silva, Jônatas Conceição, Carlos Alberto Menezes e Gildália Anjos, “[...] denominado Robson Silveira da Luz (jovem negro torturado e morto em São Paulo pela ditadura militar)” (Moreira, [2021?]).

O objetivo era, inicialmente, a revalorização da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas junto aos alunos/as e professores/as. Este primeiro grupo de trabalho [...] em articulação com o CEAO [Centro de Estudos Afro-Orientais]/UFBA foram responsáveis pela introdução da disciplina ‘Estudos Africanos’ nas escolas estaduais de Salvador, em 1985 (Moreira, [2021?]).

No Jornal “Nêgo”, Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado, n. 12, de maio de 1987, Ana Célia da Silva, militante do movimento e educadora, comenta que membros do MNU e de entidades negras denunciam há muito tempo o sistema de ensino brasileiro “[...] como um dos principais instrumentos ideológicos de inferiorização do negro, bem como de distorção e ocultamento da sua verdadeira história aqui e na África” (Silva, maio 1987). Além disso, apresenta informações acerca do processo de inclusão da disciplina “introdução aos Estudos Africanos” nos currículos de ensino de 1º e 2º graus do estado da Bahia, bem como acerca do silêncio, da dificuldade e da resistência quanto à implementação dessa nas salas de aulas.

Leia-se a notícia na íntegra, à figura 1:

Figura 1 - Notícia sobre a disciplina “introdução aos Estudos Africanos”



Fonte: Silva, maio 1987. p. 8. Acervo Negritos.

Em consonância com os propósitos ideológicos do MNU, com o trabalho educativo realizado em diferentes perspectivas e momentos, e do contexto social, político e cultural, sobretudo, da década de 1980, Nivalda Costa mais do que utilizar a esfera midiática para informar sobre a história dos povos afro-brasileiros, por meio do “Afro-Memória”, a ressignificou utilizando-a para educar a sociedade baiana, brasileira, colocando em destaque povos que foram e ainda são colocados à margem da sociedade. Vale lembrar que no n. 14 do jornal “Nêgo”, em notícia intitulada “introdução aos Estudos Africanos: primeiros passos”, Ana Célia da Silva (abr. 1988) volta a tratar sobre a questão (i) da implantação efetiva da referida disciplina, (ii) da importância do diálogo entre Secretaria de Educação e entidades negras, (iii) da necessidade de pensar em “escola e currículo pluriculturais” e (iv) da pesquisa realizada, à época, em livros didáticos, nos quais há “quase total ausência do negro e da sua cultura”.

Por fim, a educadora apresenta a seguinte reflexão, muito apropriada ainda hoje: “[...] um sistema que utiliza a educação como uma das formas mais eficientes para inferiorizar, dividir e oprimir o povo negro e demais oprimidos, tem interesse em efetivar uma educação que dê identidade e autoestima à maioria [...]?” (Silva, abr. 1988). Em âmbito nacional, sabe-se que somente em 2003 foi sancionada e implementada a Lei n. 10.639, em 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, por meio da qual se estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional para a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, obrigatoriamente, no currículo oficial da rede de ensino.

Todavia, ainda há muita dificuldade e resistência por parte de parcela da população brasileira, assim como faltam condições adequadas e materiais didáticos acessíveis para realização efetiva da referida lei. É preciso ainda destacar o papel de diferentes educadores e militantes do movimento negro, a exemplo da própria Ana Célia da Silva e de Jaime Sodré, no sentido de produzir tais materiais, instruir profissionais, promover debates, encontros e palestras sobre a temática em questão.

Nesse sentido, destacamos o compromisso de Nivalda Costa com a educação, ferramenta para a implementação do protagonismo negro e o combate ao racismo, contribuindo sobremaneira quanto àquela demanda, de produção de material didático, em sentido estrito, e de discussão e reconhecimento da história, da cultura e dos saberes dos povos africanos no que tange à formação dos cidadãos baianos e brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de imprensa são importantes fontes de pesquisa para (re)construir a história do programa “Afro-Memória” e, por conseguinte, refletir acerca de produções artísticas e culturais do povo afro-brasileiro. Faz-se primordial dar continuidade à pesquisa documental no setor de periódicos da BPEB e em outros em acervos, físicos e digitais,

de modo a ampliar nosso conhecimento, principalmente, quanto aos períodos de maio a dezembro de 1987, janeiro a julho e novembro a dezembro de 1989.

Salientamos a importância dos acervos, físicos e digitais, como espaço de pesquisa e conhecimento, por meio dos quais podemos empreender (re)leitura e atualização da memória, sobretudo, no âmbito da Filologia, no estudo do texto, dos seus processos de produção, transmissão e recepção, considerando os sujeitos mediadores, quando buscamos, em perspectiva interdisciplinar, promover edição e crítica de textos.

Recentemente, quando questionado em entrevista sobre o processo de reconhecimento da negritude entre os brasileiros, o filósofo e professor, Achille Mbembe, afirmou que o “significante negro, na modernidade sempre foi o equivalente a nada. As pessoas não querem ser nada. As pessoas querem ser alguma coisa. A ideia de ser negro provoca muito medo das pessoas” (Mbembe, mar. 2024), portanto não se deve permitir que produtos artísticos e socioeducativos como o “Afro-Memória” sejam ignorados, esquecidos.

É necessário promover um trabalho interpretativo e investigativo pelo viés da filologia, realizando consulta a diferentes acervos, (re)visitação e (re)leitura de documentos, relacionando-os às demandas (raciais) contemporâneas para melhor compreender o passado e, por conseguinte, transformar o futuro. Estudar o “Afro-Memória” é uma possibilidade de participar de um movimento de reivindicação do direito à educação, cultura e arte, do direito à história e memória, parte de uma luta maior, epistemológica e social, da qual Nivalda Costa participou ativamente.

REFERÊNCIAS

A ESTREIA do Afro Memória. [S.n., Salvador, jul. 1988]. Recorte de Jornal conservado no Arquivo Pessoal de Nivalda Costa.

A MEMÓRIA do negro alcança a telinha. **A Tarde**, Salvador, ago. 1988. Recorte de Jornal conservado no Arquivo Pessoal de Nivalda Costa.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. disponível em: www.arquivonacional.gov.br. Acesso em: 16 nov. 2018.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, R. et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

BORGES, Rosa. A edição de textos: crítica filológica e práticas editoriais. In: BORGES, Rosa et al. **Edição do texto teatral na contemporaneidade: metodologias e críticas**. Salvador: Memória e Arte, 2021. p. 13-49. disponível em: https://www.memoriaarte.com.br/_files/ugd/d9b288_b5e2af4f7f994f67b5f050097921520d.pdf. Acesso em: 05 set. 2023.

BORDiNi, Maria da Glória. A função memorial dos acervos em tempos digitais. In: TELLES, C.M.; SANTOS, R.B. dos. (org.). **Filologia, críticas e processos de criação**. Curitiba: Appris, 2012. p. 119-160.

BRASIL. decreto n. 20.493, de 09 de janeiro de 2003. disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro2003493157publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 05 set. 2023.

BURGOS, Fred. Memória africana. **Jornal da Bahia**, Salvador, p. 13, 15 jan. 1988.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Algés, Portugal: DiFel, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 71-84, abr. 1995. disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8848>. Acesso em: 10 out. 2018.

CONHEÇA o Movimento Negro Unificado. **Nêgo**: Boletim informativo do Movimento Negro Unificado, Salvador, n. 1, jul. 1981, p. 6. disponível em: <https://negritos.com.br/2019/01/14/nego/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

COSTA, Nivalda Silva. **Currículo Lattes**. 06 maio 2014. disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3278285296716471>. Acesso em: 07 nov. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e Educação: resignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZbJKp5cfZ4M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GOMES, Nilma Lino. intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 419-441.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O lugar do arquivo**: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2012.

HOISEL, Evelina. Questões biográficas na rede de escritas do intelectual múltiplo. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). **Filologia, críticas e processos de criação**. Curitiba: Appris, 2012. p. 161-173.

LE GOFF, Jacques. documento/Monumento. In: _____. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1990. p. 462-478.

LOURENÇO, isabel Maria Graça. **The William Blake Archive**: da gravura iluminada à edição eletrônica. 2009. 490f. Tese (doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009. disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MBEMBE, Achille. O capitalismo é incompatível com a democracia. [Entrevista cedida a] Gustavo Zeitel. **Folha de São Paulo**. São Paulo, mar. 2024. disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/capitalismo-e-incompativel-com-democracia-afirma-escriptor-achille-mbembe.shtml>. Acesso em: 04 mar. 2024.

MCKENZIE, D. F. **Bibliografia y sociologia de los textos**. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005.

MOREIRA, Neuracy Maria de Azevedo. Silva, Ana Célia (1940). **Dicionário Biográfico-Histórico da Bahia**. [2021?]. disponível em: <http://www.fpc.ba.gov.br/2022/12/12/ana-celia-silva/>. Acesso em 18 abr. 2024.

O NEGRO nos livros. **Tribuna da Bahia**, Salvador, p. 6, 20 maio 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009.

SILVA, Ana Célia da. introdução aos Estudos Africanos: primeiros passos. **Nêgo**: Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado, Salvador, n. 14, abr. 1988, p. 9. disponível em: <https://negritos.com.br/2019/01/14/nego/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SILVA, Ana Célia da. Quem tem medo da História da África? **Nêgo**: Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado, Salvador, n. 12, maio 1987, p. 8. disponível em: <https://negritos.com.br/2019/01/14/nego/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SILVA, Andressa Barreto; SOUZA, Débora de. O programa Fêmea na imprensa baiana: filologia, acervo e memória. **Philologus**, Rio de Janeiro, v. 28, p. 737-751, 2022. disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1215>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 231- 269

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência**: culturas e identidades no movimento hip hop. 2009. 219 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1612123>. Acesso em: 20 set. 2023.

SOUZA, Débora de; BORGES, Rosa. História e memória das resistências negras na Bahia a partir do Acervo Nivalda Costa. **Acervo**, v. 33, n.2, p. 208-28, Rio de Janeiro, maio/ago. 2020. disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revista-acervo/article/view/1564/1494>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SOUZA, Débora de. **Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa**: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico. 2019. 449 f. 2 v (um volume em site). Tese (doutorado) – instituto de Letras, Programam de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SOUZA, Débora de. **Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa**: processo de construção dos textos e edição. 2012. 251 f. dissertação (Mestrado) – instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8528>. Acesso em: 15 ago. 2023.

TV EdUCATiVA: uma nova opção de lazer e cultura. **Tribuna da Bahia**, Salvador, p. 24, 9 nov. 1985.